



crocodilo

**ubu**

---

TRADUÇÃO  
JAMILLE PINHEIRO DIAS  
RAQUEL CAMARGO

ELSA  
DORLIN

---

**SEXO, GÊNERO  
E SEXUALIDADES**

---

INTRODUÇÃO  
À TEORIA  
FEMINISTA

---

---

<b>7</b>	<b>Introdução</b>
<b>13</b>	<b>Epistemologias feministas</b>
<b>35</b>	<b>Historicidade do sexo</b>
<b>55</b>	<b>Nossos corpos, nós mesmas</b>
<b>77</b>	<b>O sujeito político do feminismo</b>
<b>105</b>	<b>Filosofias da identidade e “práxis queer”</b>
<b>125</b>	<b>Tecnologias do sexo</b>

---

<b>147</b>	<b>Agradecimentos</b>
<b>151</b>	<b>Índice onomástico</b>
<b>155</b>	<b>Sobre a autora</b>

---

## INTRODUÇÃO

*Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro.*

SIMONE DE BEAUVOIR, *O segundo sexo*, 1949.

Sexo, em geral, designa três coisas: o *sexo* biológico, tal como atribuído no nascimento – macho ou fêmea –, o papel ou o comportamento sexual que supostamente corresponde ao sexo biológico; o *gênero*, provisoriamente definido como os atributos femininos e masculinos – e que as diversas formas de socialização e educação dos indivíduos produzem e reproduzem; e, por fim, a *sexualidade*, isto é, o fato de ter uma sexualidade, de “ter” ou “fazer” sexo.

As teorias feministas se atêm à problematização dessas três dimensões, dessas três acepções entrelaçadas do sexo. Elas trabalham, ao mesmo tempo, com as distinções históricas estabelecidas entre o *sexo*, o *gênero*, a *sexualidade* e suas relações. Trata-se de uma relação de causalidade: o sexo biológico

determinaria o gênero e a sexualidade? Ou se trata de uma relação de simultaneidade não coercitiva entre o sexo biológico, de um lado, e a identidade sexual (de gênero e de sexualidade), de outro? Ou, ainda, de uma relação de normalização? Seria a heterossexualidade reprodutora – como organização social dominante da sexualidade – a norma legal, social, mas também médica, à luz da qual as categorias de sexo e gênero poderiam ser examinadas e até mesmo contestadas? As teorias feministas não se atêm apenas à delimitação teórica e prática entre o que seria “natural” e “cultural” ou “social”, tampouco à delimitação do sexo, do gênero e das sexualidades; antes, elas se atêm aos princípios, aos postulados ou às implicações ideológicas, políticas e epistemológicas dessa mesma delimitação. É ao conjunto desses debates que este livro se dedica.

Até o momento, ao lado das pesquisas filosóficas e históricas sobre sexualidade iniciadas por Michel Foucault, podemos encontrar pelo menos dois grandes tipos de contribuição sobre a questão do sexo e da filosofia: por um lado, trabalhos relativos às mulheres,<sup>1</sup> à “diferença dos sexos”,<sup>2</sup> ao “*diferendo* dos sexos”,<sup>3</sup> como filosofemas, trabalhos consagrados sobretudo ao lugar das mulheres, ao lugar atribuído às mulheres ou ao feminino no *corpus* filosófico ou psicanalítico; por outro, trabalhos que se interessaram pela filosofia das mulheres e, de

1 Luce Irigaray, *Speculum de l'autre femme*. Paris: Minuit, 1974; Michèle Le Doeuff, *L'Étude et le rouet*. Paris: Le Seuil, 1989; Sarah Kofman, *Le Respect des femmes*. Paris: Galilée, 1989; Id., *L'Énigme de la femme*. Paris: Le Livre de Poche, 1994; Françoise Collin, Évelyne Pisier e Eleni Varikas, *Les Femmes de Platon à Derrida*. Paris: Plon, 2000.

2 Geneviève Fraisse, *La Différence des sexes*. Paris: PUF, 1996.

3 F. Collin, *Le Différend des sexes*. Paris: Pleins Feux, 2000.

maneira mais ampla, pelas filosofias da “igualdade dos sexos” sob uma perspectiva da história da filosofia.<sup>4</sup>

O presente trabalho concentra-se particularmente nas teorias feministas, no modo como elas se desenvolveram nos últimos quarenta anos, e, de maneira mais específica, nas filosofias feministas. As teorias feministas serão definidas como um saber conectado de forma indissociável ao movimento político que problematiza, principalmente de um ponto de vista epistemológico inédito, a relação que *todo* saber mantém com certa posição de poder, uma relação que pode reforçá-la, derrubá-la ou modificá-la. Este livro prioriza um *corpus* anglófono que, pelo engajamento nos debates filosóficos contemporâneos e por sua extrema riqueza, destaca-se do desenvolvimento ainda embrionário das problemáticas feministas da filosofia francesa. Baseia-se, sobretudo, nas obras do feminismo marxista, da epistemologia ou da ética feministas, da história e da filosofia feminista das ciências, do feminismo negro, do feminismo dito “pós-moderno” e da teoria queer. No entanto, ele também reinscreve o conjunto dessas problemáticas em um diálogo permanente, tanto com o feminismo materialista “ao modo francês” como com os trabalhos feministas francófonos nas ciências humanas, sociais e políticas. Por fim, muitos trabalhos aqui apresentados são inspirados no que, do outro lado do Atlântico, denomina-se *French theory* (Foucault, Deleuze, Derrida) e *French feminism* (Irigaray, Cixous, Kristeva). Esta última expressão é particularmente problemática<sup>5</sup>

4 M. Le Doeuff, *Le Sexe du savoir*. Paris: Aubier, 1998; Elsa Dorlin, *L'Évidence de l'égalité des sexes: Une Philosophie oubliée du xviii siècle*. Paris: L'Harmattan, 2000; Michel Kail, *Simone de Beauvoir philosophe*. Paris: PUF, 2006.

5 Cf. Cynthia Kraus, “Anglo-American Feminism made in France: Crise et critique de la représentation”. *Les Cahiers du Genre*, n. 38, 2005.

na medida em que, talvez à exceção de Luce Irigaray, as três referências ocupam um lugar bastante marginal no pensamento feminista francês. Este trabalho é, portanto, o resultado do processo de tradução e retradução cultural dos principais conceitos do pensamento feminista transatlântico.

Não faremos aqui uma apresentação exaustiva das temáticas abordadas pelo saber feminista contemporâneo, mais ou menos institucionalizado de acordo com as tradições disciplinares, universitárias ou mais amplamente intelectuais. O ângulo aqui adotado vincula-se a uma postura filosófica, bem como a uma posição no centro do pensamento e do movimento feministas atuais. Trata-se, então, de um percurso possível no âmbito das teorias feministas, que deve ser entendido como uma homenagem à história do pensamento e do movimento das mulheres e como uma contribuição à emergência de um questionamento filosófico feminista.

*Precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro.*

DONNA HARAWAY, “Saberes localizados”, 1988.

### **O pessoal é político**

“O pessoal é político” é o slogan emblemático de diversos movimentos de liberação das mulheres nascidos nos anos 1960, para os quais *O segundo sexo* de Simone de Beauvoir constitui a principal referência. A expressão marca também a emergência de uma produção intelectual pluridisciplinar, de uma reflexão crítica, que, nos últimos quarenta anos, não parou de se desenvolver, de se diversificar e de se institucionalizar no centro do pensamento e do movimento das mulheres, a partir deles ou junto a eles. Eu já empreguei o termo “feminismo” sem defini-lo; agora chegou o momento de fazê-lo. Entendo por feminismo a tradição de pensamento e, por extensão, os movimentos históricos que, pelo menos desde o século XVII, colocaram, segundo lógicas demonstrativas diversas, a questão da igualdade dos homens e das mulheres, rastreando os

preconceitos relativos à inferioridade das mulheres ou denunciando a iniquidade de sua condição.

“O pessoal é político” permanece o emblema do saber feminista e remete, por um lado, ao trabalho de *historicização* de uma relação de poder e, por outro, ao trabalho de *conscientização* sobre essa relação.

O saber feminista designa todo um trabalho histórico, realizado a partir de múltiplas tradições disciplinares (história, sociologia, literatura, ciência política, filosofia, ciências biomédicas etc.); um trabalho de questionamento do que, até então, era comumente mantido fora do âmbito político: os papéis de sexo, a personalidade, a organização familiar, as tarefas domésticas, a sexualidade, o corpo... Trata-se de um trabalho de historicização e, conseqüentemente, de politização do espaço privado, do íntimo, da individualidade, no sentido de que se reintroduz, com isso, o político, isto é, as relações de poder – e, portanto, de conflito – onde antes nos atínhamos às normas naturais ou morais, à matéria dos corpos, às estruturas psíquicas ou culturais, às escolhas individuais. É um trabalho que, ao encontrar as tensões, as crises, as resistências soterradas ao longo da história das mulheres, do gênero ou das sexualidades, tornou possível um pensamento a respeito da historicidade de uma relação de poder considerada a-histórica (“*em todos os lugares e desde sempre as mulheres foram e são dominadas*”). Esse trabalho também permitiu a emergência de um pensamento crítico acerca do apagamento, do acobertamento e da gestão de conflitualidades e resistências por meio e no âmbito dos saberes hegemônicos. O saber feminista dedicou-se, portanto, a “conteúdos históricos”, uma vez que “apenas os conteúdos históricos podem permitir descobrir a clivagem dos enfrentamentos e das lutas que as ordenações funcionais ou as organi-

zações sistemáticas tiveram como objetivo, justamente, mascarar”.<sup>1</sup> Assim, esse saber permitiu apreender a historicidade da “diferença sexual”, bem como das prerrogativas sociais e culturais que decorrem dela; a normatividade da heterossexualidade reprodutora, bem como de sua forma jurídica moderna – a família patriarcal –, atendo-se à gênese e ao desenvolvimento dos dispositivos de naturalização e de normalização da divisão sexual do trabalho, da socialização dos corpos, da interiorização das hierarquias de gênero, a partir de seus pontos de contestação: as lutas e os saberes das mulheres. O saber feminista é também uma memória dos combates.

Desse modo, o saber feminista se apoia em todo um conjunto de saberes locais, saberes diferenciados e contestadores que foram desqualificados, considerados “incapazes de unanimidade” ou “não conceituais”,<sup>2</sup> que dizem respeito à reapropriação de si: de seus corpos, de sua identidade. Trata-se de um modo de conhecimento de si, comum a diversos movimentos sociais, que consiste em politizar a experiência individual, ou seja, em transformar o pessoal em político. Em outras palavras, o trabalho de conscientização faz com que o destino cotidiano de cada mulher, a suposta “condição feminina”, seja reconhecido como uma experiência de opressão na qual reconheço a mim mesma como “sujeito da opressão”.<sup>3</sup> Além disso, as vivências singulares das mulheres podem ser ressignificadas como vivências coletivamente compartilhadas: isso funda duplamente a própria possibilidade da revolta, nos níveis in-

1 Michel Foucault, *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975–1976)*, trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 11.

2 Ibid., p. 12.

3 Nicole-Claude Mathieu, *L'Anatomie politique*. Paris: Côté Femmes, 1991, p. 219.



## Sobre a autora

ELSA DORLIN nasceu em Paris, em 1974. Em 2004, defendeu doutorado na Universidade Paris IV – Paris-Sorbonne sobre a relação entre sexo, raça e medicina nos séculos XVII e XVIII. De 2005 a 2011, atuou como professora de história da filosofia e das ciências na Universidade Paris I – Panthéon-Sorbonne. Em 2007, selecionou e organizou textos de feministas negras para a antologia *Black Feminism* (Paris: L'Harmattan, 2008). Em 2009, recebeu medalha de bronze do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS) por sua pesquisa em gênero e epistemologia feminista. Foi professora visitante associada no programa de teoria crítica da Universidade da Califórnia – Berkeley de 2010 a 2011. Desde 2011 é professora de filosofia política na Universidade Paris VIII – Vincennes-Saint-Denis. *Autodefesa: Uma filosofia da violência* recebeu o prêmio Frantz Fanon de 2018 da Caribbean Philosophical Association e o Prix de l'Écrit Social 2019 da Arifts Pays de la Loire.

### Obras selecionadas

*Au Chevet de la nation: sexe, race et médecine: XVII<sup>e</sup>-XVIII<sup>e</sup> siècles.* Tese de doutoramento. Paris: Paris-Sorbonne, 2004.

*L'Évidence de l'égalité des sexes: une philosophie oubliée au xvii<sup>e</sup> siècle.* Paris: L'Harmattan, 2001.

*La Matrice de la race: Généalogie sexuelle et coloniale de la Nation française.* Paris: La Découverte, 2008.

*Autodefesa: Uma filosofia da violência* [2018], trad. Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: crocodilo/Ubu Editora, 2020.

Título original: *Sexe, genre et sexualités*.

© Presses Universitaires de France / Humensis, 2008

© crocodilo edições, 2021

**IMAGENS DA CAPA E DA ABERTURA** © Regina Parra.

Detalhes da série *A perigosa*, 2019. Foto: Filipe Berndt.

*Nesta edição, respeitou-se o novo*

*Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Elaborado por Wagner Rodolfo da Silva – CRB-8 / 9410

---

Dorlin, Elsa [1974–]

*Sexo, gênero e sexualidades – Introdução à teoria feminista* / Elsa Dorlin; traduzido por Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. Título original: *Sexe, genre et sexualités*.

São Paulo: crocodilo / Ubu Editora, 2021. 160 pp.

ISBN 978 65 86497 43 4 [Ubu Editora]

ISBN 978 65 88301 15 9 [crocodilo]

---

1. Feminismo. 2. Filosofia. I. Camargo, Raquel. II. Pinheiro Dias, Jamille. III. Título.

---

2021-1903

CDD 305.42 CDU 396

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Feminismo 305.42

2. Feminismo 396

---

**COORDENAÇÃO EDITORIAL** Clara Barzaghi e Marina B. Laurentiis

**ASSISTENTES EDITORIAIS** Isabela Sanches e Gabriela Naigeborin

**PREPARAÇÃO** Dimitri Arantes e Juliana Bitelli

**REVISÃO** Cláudia Cantarin e Orlinda Teruya

**DESIGN** Elaine Ramos e Livia Takemura

**ASSISTENTE DE DESIGN** Júlia França

**PRODUÇÃO GRÁFICA** Marina Ambrasas

**TRATAMENTO DE IMAGEM** Carlos Mesquita

**COMERCIAL** Luciana Mazolini

**ASSISTENTE COMERCIAL** Anna Fournier

**GESTÃO SITE / CIRCUITO UBU** Beatriz Lourenção

**CRIAÇÃO DE CONTEÚDO / CIRCUITO UBU** Maria Chiaretti


**ASSISTENTE CIRCUITO UBU** Walmir Lacerda

**ATENDIMENTO** Jordana Silva e Laís Matias

CROCODILO EDIÇÕES

crocodilo.site

oi@crocodilo.site

 /crocodilo.edicoes

 /crocodilo.site

UBU EDITORA



Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

(11) 3331 2275

ubueditora.com.br

professor@ubueditora.com.br

  /ubueditora